RED VISUAL
Revista Nº 9-10 ISSN: 1697-9966 Mayo 2009

Boas vindas à Criatividade e Inovação nas Escolas
Welcome to the Creativity and Innovation in the Schools

Teresa Torres Pereira de Eça[1]
teresaeca@apecv.pt
Recibido Febrero 2009, aceptado Marzo 2009

Resumo:
O Ano Europeu da Criatividade e da Inovação – 2009 surge na sequência e como continuidade do Ano Europeu do Diálogo Intercultural - 2008. O objectivo do Ano Europeu é promover a criatividade junto de todos os cidadãos. Mas estarão as escolas preparadas para o desafio? Estarão os sistemas educativos abertos à mudança que tal objectivo implica? Estas questões serão o alvo deste artigo que termina com uma chamada de atenção para o papel da educação artística na promoção da criatividade e alguns exemplos de educação artística transdisciplinar realizados por educadores e educadoras artísticos que trabalham no limiar entre arte, educação e comunidades.
Palavras chaves; *Educação, Educação Artística, Criatividade*

Abstract:
The European Year for the Creativity and the Innovation -2009 appears on the continuation of the European Year of Intercultural Dialogue in 2008 . The goals of the year are to promote creativity and innovation among all citizens. But will schools be ready for the challenge? Are educational systems open to the changes beyond such goals? These questions will be discussed in this article focused on the role of art education in promoting creativity through some examples of art education projects implemented by art educators who are working in the boundaries of art, education and communities.
Keywords: *Education, Art Education, Creativity*

[1] Teresa Torres Pereira de Eça. PhD, Professora de Desenho na Escola Secundária Alves Martins,. Viseu, Portugal, desde 1992 e Investigadora do Centro de Investigação em Educação e Psicologia Universidade de Évora, Portugal desde 2007. É Presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV) e Membro do Conselho Mundial da International Society for Education Through Art (InSEA). Editora da Revista Imaginar (APECV) e Assistente editora da Revista Internacional Journal of Education Through Art (InSEA).

Educação

As escolas têm a missão de desenvolver as múltiplas formas da literacia, ou seja o desenvolvimento das capacidades dos alunos através das artes, ciências, matemática e outras formas sociais através das quais o significado é construído (Efland, 1999). A educação pode, a longo prazo, fazer face a problemas graves do planeta, pode preparar os jovens para o desenvolvimento sustentável e harmonioso, pode ser o único caminho para preservar identidades, sistemas económicos e equilíbrios ecológicos. O grupo da World Arts Alliance apelava, em 2006, para novos e mais adequados paradigmas da educação que transmitam e transformem a cultura através da linguagem humanista das artes, que é baseada nos princípios da cooperação e não da competição.

Caberia aos políticos e à sociedade civil, através dos seus representantes, definir as grandes metas da educação que preparassem as nossas crianças para o futuro. John Steers, numa comunicação na conferência da APECV, de 25 de Novembro de 2008, no ISMAI na Maia em Portugal, descreveu a preocupação do governo britânico em assegurar a estabilidade social e o desenvolvimento econômico. Numa sociedade multi-étnica, multi-cultural e multi-religiosa como a sociedade do Reino Unido a estabilidade e a harmonia ocupam um lugar de destaque na agenda política, nestes tempos conturbados, onde existe uma imigração a uma escala global sem precedentes. Daí, por exemplo, a importância da identidade cultural, da participação cívica, do desenvolvimento sustentável e da globalização como temas transdisciplinares do novo currículo que estão a desenhar com a ajuda das associações profissionais de professores como a NSEAD.

A cultura e as indústrias criativas têm um peso económico que não devemos menosprezar, ciente disso o governo britânico está neste momento a implementar um novo currículo onde a criatividade e a transdisciplinariedade são os eixos essenciais. Neste contexto, as artes e a educação artística têm um papel chave a desenvolver. São também essenciais os eixos transversais da educação para a cidadania, a educação ambiental e educação para os valores e existe cada vez mais consciência política de que a educação deveria reformular a sua estrutura fragmentária disciplinar e redefinir-se em moldes transdisciplinares de trabalho de projecto a partir destes eixos. Estas razões para a mudança têm implicações muito grandes na definição da educação artística porque por excelência o ensino através das artes e das culturas pode incluir todos esses eixos e proporcionar terrenos transdisciplinares quebrando as barreiras disciplinares sem perder a sua especificidade. As artes podem levar ao desenvolvimento de um enorme leque de qualidades criativas e capacidades críticas. As artes podem ser o centro do currículo Se não queremos que a educação artística seja marginalizada é vital que os educadores artísticos compreendam o potencial a sua área e reconceptualizem as suas práticas em parte para servir estes fins. Mesmo que isso implique uma nova maneira de ver a educação artística, mais transdisciplinar, mais economicista, e mais focada no desenvolvimento de processos criativos.

O Ano Europeu da Criatividade e da Inovação

Parece que nestes tempos a criatividade está finalmente na agenda política da Europa. Nas Conclusões do Conselho e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros, reunidos no Conselho no dia 22 de Maio de 2008, lia-se sobre a promoção da criatividade e inovação através da educação e formação (2008/C 141/10)[2]:

> A criatividade é a principal fonte de inovação, que por sua vez é considerada o principal motor de crescimento e riqueza, enquanto factor fundamental para melhorias no domínio social e instrumento essencial para enfrentar desafios
> globais como as alterações climáticas e o desenvolvimento sustentável;

O Ano Europeu da Criatividade e da Inovação surge na sequência e como continuidade do Ano Europeu do Diálogo Intercultural - 2008. O objectivo do Ano Europeu é promover a criatividade junto de todos os cidadãos enquanto motor de inovação e factor essencial do desenvolvimento de competências pessoais, profissionais, empresariais e sociais, contribuir para o intercâmbio de experiências e boas práticas, estimular a educação e a pesquisa e promover o debate político e o desenvolvimento. Procurando respeitar o conceito de aprendizagem ao longo da vida, cuja importância foi realçada na Resolução do Conselho, de 27 de Junho de 2002, a promoção da criatividade e da capacidade de inovação deverão ser ajustadas a todas as fases dessa aprendizagem, desde a educação pré-escolar e ao longo do período de formação e ensino obrigatório e pós-obrigatório, prosseguindo durante toda a vida activa e após a reforma. Existem várias abordagens transversais directamente relacionadas com o tema do Ano Europeu, por exemplo:

- Actividade artística e outras formas de criatividade, desde a pré-escola ao ensino básico e secundário, incluindo o pensamento inovador assim como a capacidade de resolver problemas de forma criativa
- Manter o compromisso com todas as formas de criatividade ou expressão criativa ao longo da vida
- Diversidade cultural como fonte de criatividade e inovação
- Tecnologias de informação e comunicação como meios de criatividade e expressão criativa
- Assegurar que as competências em matemática, ciência e estudos de tecnologia promovem e estimulam a inovação

[2] (Jornal oficial da União Europeia (2007/C 287/01)

- Desenvolver uma vasta compreensão dos processos de inovação e uma maior atitude empreendedora como pré-requisito para uma prosperidade continuada
- Promover a inovação como caminho para o desenvolvimento sustentável
- Estratégias de desenvolvimento local e regional baseadas na criatividade e inovação
- Industria cultural e criativa, incluindo o *design* - onde o estético e o económico se encontram
- Inovação nos serviços públicos e privados

As Resoluções do Conselho Europeu às vezes não passam de intenções , documentos escritos . Mas era muito bom que desta vez alguma destas recomendações passasse para o terreno .

Criatividade

Podemos pegar em centenas de definições de criatividade e depressa vemos que a criatividade pode ser pensada como um acto, um conceito, uma estratégia ou até uma ideologia tácita. Partindo de uma definição aproximada de criatividade tentada por Pope (2005, p.xvi)[3]. criatividade seria a '…capacidade de produzir, fazer, ou tornar algo em uma coisa nova e válida tanto para si como para os outros'.. É um atributo humano comum. A maioria das pessoas resolve problemas de todas as espécies no seu dia a dia com algum grau de criatividade. Mas é um atributo que raramente encontramos no top das prioridades escolares . Criatividade implica incerteza, desconhecido e não é fácil de avaliar por isso fica muitas vezes à margem dos currículos.
.

Criatividade nas escolas

As escolas são instituições sociais que dão muito valor a um certo grau de conformismo . Os indivíduos criativos podem revelar características , capacidades e habilidades que os professores tenham dificuldade em aceitar como por exemplo a tolerância pela ambiguidade e o jogar com ideias, materiais e processos. A escola tende a para um ambiente feito de certezas e 'seriedade' onde o jogo não entra. Os horários rígidos e os prazos de entrega de trabalhos não permitem habilidades para concentração e persistência . A escola dificilmente fomenta associações insólitas e ideias aparentemente desconexas , a vontade de explorar é cortada muito cedo por questões de calendarização ou de cumprimento de programas rígidos . Já para não falar na dificuldade em aceitar comportamentos inconformistas, ousados ou arriscados. Na escola vive-se rotineiramente, joga-se pelo seguro, para os alunos terem

[3] Pope, R (2005) *Creativity: Theory, History, Practice,* London: Routledge

bons resultados nos exames, porque a escola e a sociedade acreditam que ter resultados nos exames é um passaporte para o sucesso na vida futura.

Para que as escolas promovam activamente a criatividade em cada criança temos um grande caminho a percorrer , temos que virar tudo do avesso . E isso vai criar muitos problemas a toda a gente que trabalha no sector da educação. A criatividade requer um tipo de 'espaço' raro nas escolas dirigidas por objectivos que dificilmente poderão deixar entrar o acidental das descobertas não esperadas que surgem ás vezes quando se procuram outras coisas completamente diferentes.
A criatividade não é um processo linear e normalmente é consequência da interacção de vários elementos, de várias fases que são revistas e revisitadas por exemplo quando se encontram becos sem saída. Isto sugere que *o tempo* é uma componente chave do espaço criativo se queremos que o fluxo criativo floresça . Como poderemos acomodar isso com os horários escolares intervalados de 45 em 45 minutos?

Como poderemos destruir este tempo fragmentado instituído há séculos ? Como podemos construir uma escola sem tempo fragmentado?

Bem, isso já existe, nalgumas formações e cursos à distância pela Internet , os alunos não têm horários rígidos, têm margens de tempo alargadas , sem campainhas, sem intervalos. Os alunos gerem o seu tempo. Portanto essa tarefa não me parece impossível.

Existem outras preocupações igualmente importantes tanto para professores como para alunos por exemplo a construção de uma atmosfera forte de confiança mútua e suporte afectivo . Confiança e afectos não são o forte das escolas europeias geridas por regras e regulamentos baseados na desconfiança e no medo.

O uso construtivo de métodos sensíveis de questionamento é essencial para promover desafios intelectuais. Devemos deixar os alunos desenvolver um sentido real de autoria das tarefas, problemas ou trabalhos e devemos fomentar a sua auto-confiança através de um feedback positivo dizia John Steers na conferência da Maia em 25 de Outubro de 2008 . Mas essa atmosfera de suporte afectivo e desafio intelectual passa por espaços físicos agradáveis, aconchegados, passa por turmas com poucos alunos para que o diálogo e o feedback construtivo seja possível . Isto não se assemelha à escola de massas que temos com turmas de 30 alunos em espaços institucionais visualmente frios. Como poderemos fazer abordagens mais personalizadas, centradas no aluno — incluindo os dotados de talentos especiais —, e adaptadas às suas necessidades e capacidades ? Só com uma grande mudança da instituição que terá de repensar a sua organização interna, para aumentar a motivação e confiança de alunos . Essa mudança terá de partir de resoluções governamentais que em vez de dar prioridade a cortes orçamentais deveriam dar prioridade ao futuro dos países e procurar apoio na investigação.

Muitas vezes nas acções de formação contínua para professores de artes visuais que tenho conduzido ouço os professores dizerem-me como são criativos e inovadores, como conseguem promover a criatividade e a inovação dos seus alunos. Mas quando começo a fazer-lhes perguntas sobre as suas praticas pedagógicas observo que os seus procedimentos são rotineiros, conformistas, e que as tarefas que propõem aos alunos não têm nada de criativo nem fomentam inovação. Existe um tremendo mal entendido sobre como fomentar a criatividade e a inovação nas concepções destes professores. Seria necessário uma grande aposta na formação de professores inicial e continua de qualidade para que a escola possa enfrentar o desafio lançado pelo Conselho Europeu que dizia: '… aos professores cabe o papel crucial de estimular e apoiar o potencial criativo de cada criança e, para tanto, podem contribuir dando mostras de criatividade no seu próprio ensino.'

As oito competências essenciais para a aprendizagem

As oito competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida, definidas na recomendação da EU de 2006 [4] dizem respeito a aptidões que se revestem de particular importância para a criatividade e capacidade de inovação. Em especial, são necessárias aptidões e competências que permitam ao indivíduo encarar a mudança como uma oportunidade, manter-se receptivo a novas ideias e respeitar e apreciar os valores dos outros. Perante a evidência de que a diversidade e os ambientes multiculturais podem estimular a criatividade, as políticas de educação inclusivas, destinadas a fomentar a tolerância e a compreensão mútua, encerram o potencial de transformar o crescente multiculturalismo das sociedades europeias numa vantagem para a criatividade, a inovação e o crescimento.

A escola para atingir estes fins não é a escola que conhecemos, é uma escola de confiança, valorizada pelo estado e pela sociedade em geral e valorizadora das comunidades que a constituem. Só assim se poderá trabalhar em novas e diferentes redes, nomeadamente as ancoradas na comunidade local, . As parcerias entre o sistema de ensino, o mundo do trabalho e a sociedade civil em geral são deveras cruciais para a antecipação e adaptação às necessidades em mutação da vida profissional e social: estágios profissionais, projectos conjuntos, aprendizagem entre pares e formadores vindos de fora do sistema de ensino podem dar a conhecer novas ideias a professores e alunos. Mas para fazer essas redes é necessário desburocratizar a escola. É preciso que o estado reconheça a educação como factor chave no desenvolvimento económico do país e invista nele flexibilizando-o , encorajando os professores a desenvolver o seu papel profissional como mediadores de aprendizagem e promotores de criatividade e promovendo a produção cultural, o diálogo

[4] Recomendação 2006/962/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 18 de Dezembro de 2006, sobre as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida (JO L 394 de 30.12.2006, p. 10).

intercultural e a cooperação a nível local, regional, nacional e internacional com vista a desenvolver ambientes particularmente propícios à criatividade e à inovação tal como é proposto pelo Conselho Europeu.

Na sua impossibilidade vejo mais futuro na secção educação[5] da comunidade virtual *Second life*[6], onde centenas de universidades já criaram o seus lugares virtuais do que nos ministérios da educação dos estados membros da comunidade europeia. Eis como se introduz a comunidade:

> Welcome to the Second Life world.
> We are a global community working together to build a new online space for creativity, collaboration, commerce, and entertainment. We strive to bridge cultures and welcome diversity. We believe in free expression, compassion and tolerance as the foundation for community in this new world.

Se as páginas da Internet dos Ministérios da Educação nos países da União Europeia tivessem uma frase introdutória como seria? O *site* de Portugal acedido em 2009-03-02 em [http://www.min-edu.pt/np3/ministerio] depois de muita navegação apresenta-nos o programa de governo e as grandes Opções do Plano 2007, onde se lê

> No que se refere ao Ensino Básico e Secundário, o investimento para 2007 visará dar suporte às medidas de concretização dos grandes objectivos definidos:
>
> - Combater o insucesso e abandono escolar e colocar as escolas ao serviço das aprendizagens dos alunos;
> - Alargar as oportunidades de aprendizagem ao longo da vida;
> - Enraizar a cultura e a prática de avaliação

E o de Espanha acedido no mesmo dia em [http://www.mepsyd.es/portada.html] apresenta uma serie de notícias na pagina inicial :

- El Gobierno financia programas sociales de las comunidades autónomas con 102,9 millones de euros

- Aprobado el Real Decreto para la convalidación de enseñanzas profesionales de música y danza por materias similares del Bachillerato y la ESO

[5] http://secondlifegrid.net/slfe/education-use-virtual-world#pilot
[6] (http://secondlife.com/community/)

Mercedes Cabrera asiste en Rusia a la Conferencia de los Ministros del Bloque Social del Consejo de Europa

 Mercedes Cabrera entrega los premios del concurso "Tu dibujo por la paz"

 S.M. La Reina entregará los Premios Reina Sofía 2008 de Prevención de la discapacidad y Accesibilidad

Em nenhuma das páginas destes dois ministérios encontrei uma declaração simples onde se incentivasse a criatividade e a inovação.

A Educação artística e a promoção da criatividade e inovação

Colectivamente as artes oferecem aos jovens oportunidades únicas para compreenderem e criarem as suas identidades pessoais. Estimulam os estudos interdisciplinares, a tomada de decisões participativa e motivam os jovens e as crianças para uma aprendizagem activa, criativa e questionadora. Tendo isto em conta, será fácil entender a justificação para a centralidade da educação artística no ensino: as artes preparam os alunos para a incerteza do futuro, para responderem a problemas e a lidarem com tecnologias que ainda não existem.

Conheço estudos realizados que comprovam que os alunos com acesso a uma boa arte educação em qualquer área (musical, visual, drama, dança) desenvolveram capacidades inter e intrapessoais , são mais tolerantes, conseguem usar pensamento divergente e convergente, são mais curiosos, mais abertos à mudança, não têm medo de arriscar e são mais críticos do que alunos que não tiveram acesso a programas de educação artística. Elliot Eisner escreveu largamente sobre o assunto, Anne Bamford no seu livro 'The WoW Factor' também o afirma. Na edição on line do New York Times de 4 de Agosto de 2007[7] saiu uma notícia sobre as investigações de Ellen Winner, Lois Hetland , Shirley Veenema e Kimberly Sheridan , investigadoras do Harvard Project Zero acerca do papel e os benefícios das artes nas escola. Segundo as autoras do estudo as artes visuais teriam benefícios indirectos no desempenho escolar dos alunos, os alunos com acesso a uma educação artística de qualidade teriam maior capacidade de visão e de previsão, seriam mais perseverantes , mais capacidades lúdicas , com maior capacidade de aprender através dos erros , mais críticos e mais capazes de justificar as suas opiniões. O Roteiro da Educação Artística[8] publicado pela Unesco em 2006 também aponta nesse sentido.

[7] Book Tackles Old Debate: Role of Art in Schools (consultado em Março 2009)
[8] http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=30335&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html (consultado em Março 2009)

Educadores artísticos no limiar

Eu acredito que necessitamos de uma educação artística baseada em projectos de trabalho colaborativo que envolvam muitas áreas do saber, que integrem artistas e professores com capacidades de investigação , que fomentem muitas linguagens e muitos suportes de comunicação não esquecendo as potencialidades das novas tecnologias da comunicação. Tenho observado pedagogias reflectivas e críticas em novos e antigos meios de produção artística que oferecem aos estudantes oportunidades para explorar os seus mundos visuais multiculturais e multi-tecnológicos. Tenho visto um grande enfoque numa educação para a compreensão da cultura visual, oferecendo aos jovens meios para questionarem o fluxo de imagens transmitidas diariamente pelos meios mediáticos, ajudando-os a compreenderem o seu papel de público receptor e de produtor de significados. Mas também tenho visto que os educadores não descuram a especificidade da sua área artística através de praticas artísticas de inquérito e produção.

Conheço alguns educadores que através das artes visuais e performativas, estão a transformar as salas de aulas ou oficinas de aprendizagem em teatros de diálogo criativo, fornecendo aos alunos ferramentas para desenvolver soluções para as necessidades e desafios sociais contemporâneos. Por exemplo Alfredo Palácios e Javier Abad Molina em Espanha desenvolvem um trabalho fantástico com a comunidade de Alcobendas. Onde as fronteiras entre professor e artista se diluem nos diálogos críticos que suscitam na comunidade onde desenvolvem os seus projectos a partir de palavras e de imagens (Alfredo Palácios Garrido e Javier Abad Molina , 2008)[9].

O papel central da educação artística no currículo só terá algum sentido se se olhar para a teoria e prática artística contemporânea na sua especificidade e na sua capacidade transdisciplinar, sem tentar domar o potencial criativo e crítico que ela contém por sistemas curriculares burocráticos e métodos de avaliação não autêntica.

Acredito que necessitamos de educação artística capaz de fornecer meios para a compreensão e preservação de culturas minoritárias, que estão em risco perante a globalização na medida em que pode desenvolver capacidades de cidadania crítica à luz da reconstrução social. Eu tive oportunidade de seguir experiências fantásticas, algumas de educação artística outras dentro de projectos interdisiplinares ou no âmbito de projectos sociais onde através do exercício das artes se descobriam conhecimentos múltiplos , onde se fomentavam capacidades criativas, competências alargadas, tolerância e cidadania. A maior parte dessas experiências foram dentro de contextos de

[9] Alfredo Palácios Garrido e Javier Abad Molina (2008) Escribir el Lugar : Collaborative projects in public spaces . *International Journal of Education through Art.* Vol 4-2 . Intellect . UK.

educação não formal. Uma delas , foi o projecto Sementinha com a equipa da Ana Albano da Unicamp no Brasil , tive oportunidade de publicar essa experiência no livro que organizei com Rachel Mason ' International Dialogues about Visual Culture, Education and Art' [10] .

Projectos como Sementinha provam que a educação artística pode mudar o mundo. Crianças de rua , que através das artes crescem em escolinhas de favela. É engraçado como esse projecto também influenciou outros arte educadores : muito tempo depois, em Janeiro de 2009, fui encontrar Roberta Altman, uma arte educadora norte americana, com um projecto de educação multicultural na Índia. Perguntei-lhe o que ela fazia tão longe de casa e ela disse-me que tudo tinha começado quando num congresso da InSEA em Portugal (Viseu, 2006) ela tinha ouvido falar de Sementinha e que a partir daí ela descobriu o verdadeiro poder da arte educação, muito mais do que arte pela arte , mas arte para a sociedade , arte e educação artística como intervenção na comunidade .

Uma outra experiência , encontrei há umas semanas atrás quando um jovem arte educador de Portugal, o Paulo D'Alva me enviou um link para um filme de animação **'Carro Preto Carro Branco'**[11] que ele tinha produzido num atelier de crianças ciganas num projecto de reinserção social financiado por uma Fundação . O filme contava uma história do dia a dia da comunidade cigana da Rua da baralha (Santa Maria da Feira, Norte de Portugal) , num ambiente de festa as crianças aprenderam através da arte a valorizar a sua cultura, e sobretudo viram-se reconhecidos pelo resto da comunidade quando o filme ganhou um prémio num festival reconhecido de filmes de animação. Essas crianças que nunca tinham gostado da escola , no ano seguinte começaram a ser mais assíduas na escola. Houve de um momento para o outro uma aceitação tácita e reconhecimento mútuo , um dos animadores dizia no final do projecto ' Afinal os ciganos não são como vocês pensam'. E falando de ciganos e de educação artística não posso deixar de pensar na escola primária que visitei este ano Deàk- Diàk em Budapeste na Hungria onde a educação artística, sobretudo através da música é a grande componente extra curricular que faz com que os alunos dessa escola , maioritariamente romani tenham óptimos resultados escolares.

E falando de tolerância e de multiculturalismo ou interculturalismo como quiserem chamar, lembro-me da experiência da arte educadora Húngara Gabriella Pataky sozinha numa escola dos arredores de Londres com alunos de variadas etnias e origens carregando um cartaz que dizia Balaton no dia em que a Hungria entrou para a União Europeia (1 de Maio de 2004). Os meninos e meninas olharam , olharam e um deles mais curioso perguntou: o que é isso de Balaton que não vem no mapa? Ao que Gabriella respondeu: é um lago na Hungria, com águas límpidas e eu tenho muitas saudades dele. Conversa puxa arte e Gabriella fez com as crianças uma instalação com copos cheios de água azul a partir das letras Balaton. Durante toda a conversa

[10] http://www.press.uchicago.edu/presssite/metadata.epl?mode=synopsis&bookkey=279059

[11] http://www.vimeo.com/2111833

falaram de arte, ambiente, geografia, costumes e povos do mundo , cada um tinha dentro de si um lago Balaton para partilhar .

E lembro-me da franzina Mousumi De[12], arte educadora indiana trabalhando o tema *of military tanks and Barbie dolls* em Londres num atelier com jovens mulheres muculmanas logo após os ataques de bombas em 2005, o atelier fazia parte de um projecto para a paz , tratava de arte educação e de tolerância para com o Islão e outras religiões num ano em que terrorismo e fanatismo religioso eram as palavras do dia. De volta à Índia em 2006 Mousumi continuou com enorme coragem no *center for revival of indigenous art* onde com Geetha Bhat trabalhou numa comunidade com um projecto de preservação da arte popular, salvaguardando praticas ancestrais tendo em conta os aspectos sócio-culturais e ecológicos da comunidade e o seu desenvolvimento sustentável face aos desafios tecnológicos da Índia contemporânea.

E para finalizar não posso deixar de referir Lila Rosa, uma arte educadora Brasileira que colaborou no projecto 'Awapa : Nosso canto', um projecto construído a partir de uma rede de parcerias que visava a sustentabilidade da cultura Yaqwalapíti no alto Xingu , através da preservação da música popular. No livro que Lila Rosa organizou[13] para a Comunidade Yawalapíti a fala de Aritana resume uma das mais importantes razões para o lugar crucial que a educação artística deve ter na educação

> 'Então, eu estive pensando muita coisa à noite: como é que se pode fazer isso agora? Por que só uma pessoa tem os cantos?
>
> Só ele tem? E o resto? Não pode. Ele tem de passar isso já para os mais jovens…'

A educação artística não trata só de preservação de culturas , de transmissão de conhecimentos, trata também de construção de identidades, da intervenção criativa e crítica na sociedade e no meio ambiente . Trata da aprendizagem essencial do ser, através do pensar , do saber, do estar e do fazer . Ela encontra-se no limiar entre passado e futuro, joga com a incerteza e com a criatividade no presente partindo do conhecimento passado para atingir as incógnitas do futuro. Tenho conhecido educadores e de educadoras que buscaram os limites da arte educação e foram até ao ponto onde arte, educação , comunidade se fundem. É aí nesse ponto flexível, multidisciplinar , colaborativo que se encontra o que de melhor se faz em educação artística, sem esquecer a especificidade de cada linguagem, sem adulterar o processo artístico que nos é intrínseco e com o qual investigamos e ajudamos a descobrir o mundo lá for a e o mundo lá dentro.

[12] http://www.mousumide.com/

[13] Lila Rosa Sardinha Ferro (Org.) (2008). Awapá: Nosso canto Aldeia Yawalapíti . Comunidade Yawalapíti Terra Indígena do Xingú . Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural , Ministério do Ambiente, Brasil . ISBN 978-85-7546-025-2

Referências

Alfredo Palácios Garrido e Javier Abad Molina (2008) Escribir el Lugar : Collaborative projects in public spaces . *International Journal of Education through Art.* Vol 4-2 . Intellect . UK.

DCMS (2008). **Creative Britain:** New Talents for a New Economy – a strategy document for the Creative Industries acesso em 01 de Maio de 2008 em: http://www.culture.gov.uk/Reference_library/Publications/archive_2008/cepPub-new-talents.htm

EFLAND, Arthur D. **Culture, Society, art and Education in a Postmodern World**. Comunicação apresentada na conferência da InSEA em Taiwan. 1999.

Lila Rosa Sardinha Ferro (Org.) (2008). Awapá: Nosso canto Aldeia Yawalapíti . Comunidade Yawalapíti Terra Indígena do Xingú . Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural , Ministério do Ambiente, Brasil . ISBN 978-85-7546-025-2

STEERS, John. **Criatividade:** Ilusões, Realidades e Novas Oportunidades. Imaginar 51. APECV. 2008.

World Arts Alliance (2006) Joint Declaration, acesso em 2008-11-05 em: http://www.insea.org/docs/joint_decl2006.html